

# Três fragmentos de inscrições paleocristãs, inéditas, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia

Maria Manuela Alves Dias \*

## Resumo

Na sequência do trabalho desenvolvido pela A. na colecção epigráfica do MNA, e após a publicação de fragmentos de duas lápides paleocristãs inéditas (*O Arqueólogo Português*, s. IV, 5, 1987, p. 225-232) que se seguiu à publicação de um conjunto de nove inscrições romanas inéditas de Cárquere, Resende (*O Arqueólogo Português*, s. IV, 4, 1986, p. 185-202), editam-se agora três outros fragmentos de outros tantos epitáfios paleocristãos decorados do sul de Portugal.

## Abstract

*After an article presenting nine unpublished roman inscriptions from Cárquere, Resende (O Arqueólogo Português, s.IV, 4, 1986, p. 185-202) and another one on two fragmented early christian epitaphs (O Arqueólogo Português, s.IV, 5, 1987, p. 225-232), this paper offers an edition of three new fragmented christian epitaphs from the south of Portugal, and kept since long time at the MNA.*

---

\* Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve.  
Res. part.: Av. de Madrid, 24, 2.º, P-1000 LISBOA.

Museu Nacional de Arqueologia  
inéditas, na coleção epigráfica de  
Três fragmentos de inscrições paleocristãs.

Maria Manuela Alves Dias\*

Resumo

Na sequência do trabalho desenvolvido pela A. na coleção epigráfica do  
MNA, e após a publicação de numerosos de duas lâminas paleocristãs inéditas  
(O Arqueólogo Português, 2.ª s. 1987, p. 227-231) que se seguiu a publicação  
de um conjunto de nove inscrições romanas inéditas de Caspary, Beznice  
(O Arqueólogo Português, 2.ª s. 1986, p. 185-202), continuam agora três  
outras inscrições de centros locais paleocristãos descobertas de sul de

Portugal.

Abstract

After an article presenting some unpublished roman inscriptions from Caspary,  
Beznice (O Arqueólogo Português, 2.ª s. 1986, p. 185-202) and another one on  
two fragments of roman epigraphy (O Arqueólogo Português, 2.ª s. 1987,  
p. 227-231), this paper offers the edition of three new fragments christiana  
epigraphy from the south of Portugal, and notes their long time in the field.

\* Trabalho do Centro de Estudos de Arqueologia e Etnologia do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.



Na sequência do trabalho desenvolvido na colecção de epigrafia romana do Museu Nacional de Arqueologia, foram, entre 1982 e 1993 publicados trinta e cinco textos inéditos (quinze votivos (Encarnação, 1982, p. 3-15 e 1989, p. 3-6; Dias, 1986, p. 3-5; Garcia, 1987, p. 39-59) e catorze funerários (Encarnação, 1984, p. 7-8 e 1988, p. 14-16; Dias, 1986b, p. 185-202; Dias e Coelho, 1993, p. 9-11; Dias, 1993a p. 12-13 e Dias, 1993b, p. 14-16) romanos, e, ainda, seis textos funerários paleocristãos (Dias, 1987b, p. 8-10; 1987d, p. 11-13; 1987c, p. 14; 1987a, p. 225-232; 1992, p. 9-11)), que há muito tempo fazem parte do acervo desta importante colecção. Publicam-se agora mais três textos funerários paleocristãos provenientes, ao que tudo parece indicar, do sul do território português da *Lusitânia*.

### 1. Epitáfio *intra coronam*

Guarda-se na colecção epigráfica do MNA (sem número de registo de entrada) um fragmento de placa de mármore branco, de grão fino, com pátina ligeiramente amarelada, e com as fracturas muito desgastadas, que corresponde à parte superior esquerda de uma lápide com epitáfio paleocristão decorado por uma coroa de três idas de folhas, muito semelhante à do epitáfio de *Orania* (Hübner, 1900, 310; Vives, 1969, 89), proveniente de Mértola, e que também faz parte da colecção epigráfica deste museu. Comparativamente, as folhas que formam a coroa são um pouco maiores que as da inscrição de *Orania*, particularizando-se ainda o seu desenho por um maior alongamento da representação dos pecíolos.

Dimensões do suporte: 14 x 10 x 2,8 cm.

Cálculo geométrico do campo epigráfico: 25 cm de diâmetro.

(intra coronam)

[Vince] <sup>^</sup>ntia

[fa]m(u)la Dei

3 [.....]

[.....]

Altura das letras: de 1,5 a 3,7 cm; 1.2,  $E = 2$  cm. *Punctum* triangular.



Fig. 1 – Fragmento do epitáfio *intra coronam*

Notam-se algumas particularidades epigráficas que distinguem esta inscrição paleocristã de outras já conhecidas do território português. Repare-se no caso do traçado dos *aa* que terminam superiormente, por um grande traço horizontal<sup>1</sup> que corta a junção das duas pernas da letra e que apresenta ainda a barra mediana quebrada, em *v*, formado por curtos segmentos curvos<sup>2</sup>, o primeiro de curvatura mais acentuada que o segundo. Ora, na terminação das hastes de

<sup>1</sup> O paralelo mais estreito (não só para o traçado dos *aa* mas também para o de todas as letras do alfabeto, à exceção do do *e*, bem ainda como para o desenho das folhas da coroa) é o da inscrição funerária de *Florentia*, do *a.465*, proveniente de Mérida, cf. (Navascués, 1953, p. 19, 51 e 55). Aliás, as oficinas epigráficas de Mérida parecem ter, nalguns momentos, influenciado fortemente a epigrafia cristã de Mértola, donde pode ter vindo para o MNA este fragmento de inscrição.

<sup>2</sup> No que respeita à barra mediana dos *aa* em *V* formado por segmentos curvos, temos outros exemplos na epigrafia paleocristã de Mértola. Esta forma de *a* que aqui descrevemos é, segundo (Gondi, 1920, p. 30) uma forma rara, e foi assinalada, em seu tempo, numa inscrição paleocristã britânica (Hübner, 1876, 6).

outras letras (por exemplo o *m* da l. 2) já não ocorre o referido traço horizontal, o que sugere a ideia de que nesta inscrição foi utilizado um alfabeto cujo normótipo estilístico não seria completamente homogéneo, apesar da execução da gravação apresentar grande qualidade de talhe. Reforçando esta suspeita, vemos que o *d* da l. 2, apresenta um traçado de módulo relativamente mais alargado, decerto para poder conter, equilibradamente, o *e* incluso. É um facto que as letras inclusas e os nexos são uma necessidade real dos textos inscritos em coroas. Talvez também seja esta a razão de se observar, na l. 1, além do nexo *nt*, a redução da altura do *i*. No que resta da l. 2, não existem nexos, mas foi necessário recorrer, na palavra *famula*, à abreviatura indicativa, pelo menos, da supressão do *u*, sinalizando-a com um traço horizontal sobre o *m*. Quer a redução, a 1,5 cm de altura, do *a* final desta palavra, quer a referida inclusão, em *Dei*, do *e* no *D*, estão dentro desta lógica de economia de espaço que a *ordinatio* evidencia.

Temos apenas um único sinal de pontuação, no final da l. 1, que, do ponto de vista do texto, e por estar no fim da linha, pode parecer que a sua gravação teria sido perfeitamente dispensável; contudo, se recordarmos outros casos desta mesma colecção epigráfica do MNA, como seja o do epitáfio de *Fistellus* (Vives, 1969, 487) onde há sinais de pontuação em idêntica posição, talvez devamos atribuir-lhe um significado não textual mas, sim, essencialmente decorativo.

Pelo que nos resta do texto podemos adivinhar uma *ordinatio* muito atenta que, tendo em conta as potencialidades de valorização estética do alfabeto, foi cumprida numa gravação muito cuidada.

O nome proposto na restituição, *Vincentia*, foi escolhido pela sua grande frequência na epigrafia hispânica paleocristã (Dias e Torres, 1984, p. 10-11; Vives, 1969, 56 (*Vicentius*)), embora [*Florēntia*] (Vives, 1969, 45, 52b e 85) também seja admissível por estar igualmente bem documentado em epitáfios hispânicos. Nomes como [*Abunda*]ntia ou [*Decēntia*] ou [*Gaudēntia*] ou, até, [*Innoce*]ntia, etc., são plausíveis.

## 2. Epitáfio com *circulus in quo crux*

Também se guarda na colecção epigráfica do MNA (sem número de registo de entrada) o fragmento de uma placa de mármore cinzento com veios carboníferos, e de grão fino.

A decoração que encima o texto é constituída por uma cruz pátea, de braços iguais, inscrita num círculo de 12 cm de diâmetro, no centro do qual ainda é possível ver o ponto que serviu de apoio ao compasso. A cruz foi desenhada a partir de quatro arcos de 5,5 cm de raio, e apresenta a terminação dos braços em linha recta. Os espaços entre os braços da cruz foram aproveitados para a representação de quatro *hederae* com os pecíolos bem marcados. Na superfície do suporte são ainda visíveis os vestígios de desbaste a ponteiro fino que mais tarde foram parcialmente eliminados por um alisamento com cinzel, aplicado sobre os rasgos obtidos no desbaste.



Fig. 2 – Fragmento do epitáfio com *circulus in quo crux*.

Dimensões do suporte: 18,5 x 17 x 3 cm

(*circulus in quo crux*)

...itus (vel *ntus*) famulus]

[.....]

3 [.....]

Altura das letras:  $T = 3,2$  cm

A avaliar pelo pouco que nos resta deste epitáfio, as linhas de orientação de escrita deviam limitar um espaço de cerca de 3,2 cm de altura para as letras, sendo ainda visível, entre o *t* e o *s*, uma dessas pautas. As letras seriam de módulo rectangular esguio, apresentando o *f* a barra superior muito ondulada e a descair para dentro do espaço interior do *s* que o antecede, embora, antes, a barra superior do *t* não revele tendência para ondular. No final da linha, o sinal de abreviatura, a indicar a supressão de letras em *famulus*, é o frequente traço horizontal patado, colocado imediatamente acima do espaço destinado às letras.

Tendo em conta as letras que nos restam, e a onomástica paleocristã da Hispânia, pode-se propor uma restituição do nome [Av]itus (Vives, 1969, 186 (Orense)).

Contudo, se considerarmos que a primeira letra do texto é um *n*, tomando a gravação da haste visível pela perna final desta letra, teremos outras possibilidades de restituição onomástica, como [Adv]entus, [Amia]ntus ou [Co]intus (= *Quintus*), nomes que aparecem com frequência na epigrafia paleocristã, embora ainda não documentados na Hispânia (cf., *v.g.*, Diehl, 1961, *passim*).

### 3. Epitáfio *inter columnas*

Pertence ainda à colecção epigráfica do MNA (sem número de registo de entrada) um fragmento numa placa, de mármore cinzento e branco, que corresponde à parte lateral direita de um epitáfio, e onde vemos a figuração do fuste de uma coluna torsa sobre uma base lisa.

A decoração original consistiria num arco, redondo ou de ferradura, suportado por duas colunas que limitavam o campo epigráfico, o vão do arco poderia ser decorado com *symbola christiana*, como *crux*, *columbae*, etc. É este um motivo decorativo bem conhecido em epitáfios de Mértola (cf., *v.g.*, Vives, 1969, 87 e 93), estando também documentado em Beja e Évora (Vives, 1969, 80 e 82 (Beja), e 83 (Évora)), e que, frequentemente, aparece muito simplificado, umas vezes dando maior relevo às colunas, outras, maior importância ao arco.

O texto, de que nos restam vestígios de cinco linhas, é em parte restituível. Seguindo o formulário textual deste tipo de epigrafia, faltam-nos completamente a primeira e a segunda linhas, onde estaria o nome do defunto e a sua profissão de fé, e a última, destinada à referência da *era*. Em princípio, é pois de admitir que este fragmento pertenceu a um texto de, pelo menos, oito linhas.

Dimensões do suporte: 27,5 x 14,5 x 3 cm

(inter columnas)

[.....]

[.....]

3 [.....]ann]os

[plus m]inus

[..re]quie]uit

6 [.....]d[ie)

[.....]s

[.....]

Altura das letras: 4 cm aproxim.; 1.5: I = 2 cm

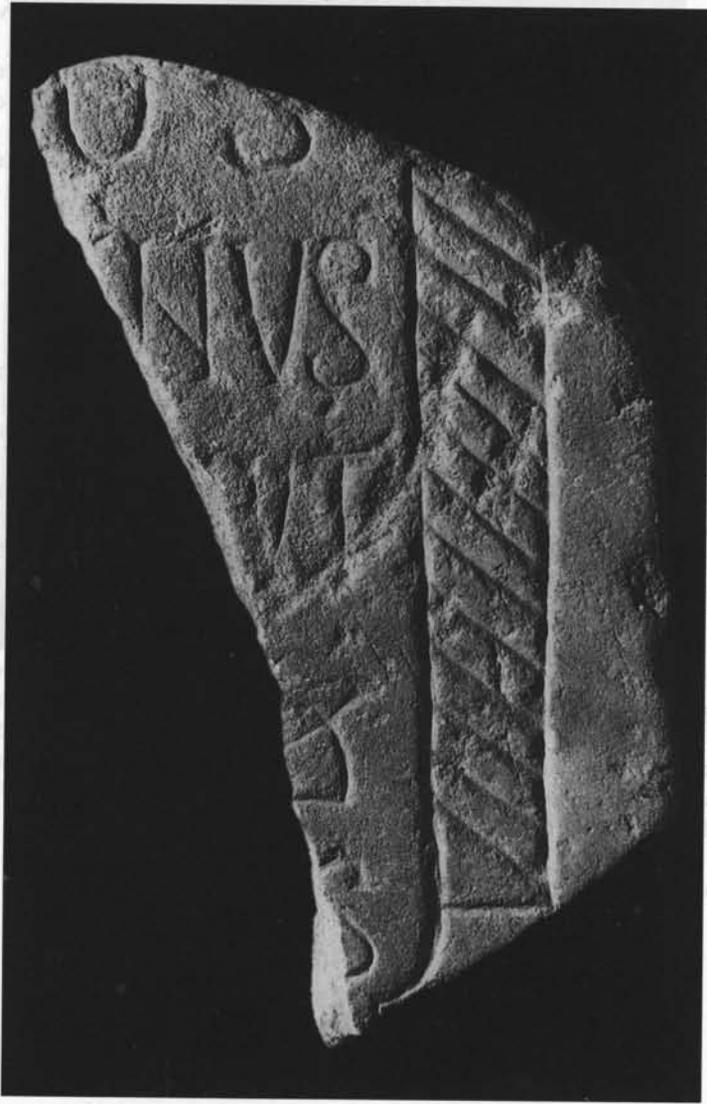


Fig. 3 – Fragmento do epitáfio *inter columnas*

Não são visíveis linhas de orientação de escrita, talvez devido ao mau estado de conservação da superfície epigrafada, mas a *ordinatio* certamente contou com elas para o traçado das letras e para a delimitação dos espaços interlineares que medem aproximadamente cerca de 2 cm.

Devido à exiguidade do texto que nos ficou, não é possível caracterizar o alfabeto usado, mas o traçado de algumas letras não deixa de nos chamar a atenção. Assim, no *n*, a barra oblíqua que une as duas hastes arranca acerca de dois terços da altura da primeira; nos *ss*, as curvas, inferior e superior, são sensivelmente iguais, denunciando sempre um ligeiro enrolamento para o interior, e no *t*, nota-se que a barra superior é ondulada. Convém ainda assinalar que, na l.5, o *i* de *[re]quieuit* está incluso no *u* que o antecede, e que o único sinal de abreviatura patente é, na l.6, um traço oblíquo que corta o *d* de *d(ie)*, leitura que, pela óbvia posição formular na sequência textual exclui as hipóteses de *D(omini)* ou *D(et)*.

A locução *vixit annos* (*annos* por extenso) ocorre com muita frequência nas inscrições funerárias da Hispânia (cf., Vives, 1969, p. 195, onde estão referidos 86 casos). Também o uso de *plus minus*, na indicação da idade do defunto, está bem documentado na Península e, no sul da Lusitânia, particularmente, em Mértola (cf., v. g., Vives, 1969, 95, 97 e 98). O *s*, a última letra deste fragmento de epitáfio, poderá ser a desinência de acusativo do nome do mês.

Teríamos assim a sequência textual mais vulgarizada dos epitáfios paleocristãos do sul da Lusitânia:

"Fulano, [*famulus Dei, uixit annos/ plus minus*]/ tantos, [*re]quieuit/ in pace die*]/ tantos dos idos (nonas ou calendas) nome do mês (acus.)/ *era* de tantos (que apareceria à esquerda já na l. 8).

\*\*\*

Estes três fragmentos que não têm, como se referiu, qualquer indicação de proveniência, parecem ser, quer pela paleografia, quer pela decoração, quer mesmo pela sequência textual, um produto das oficinas epigráficas de Mértola. E, se não tiverem vindo de Mértola para o MNA, serão certamente de um centro urbano do sul da Lusitânia portuguesa.

## Bibliografia

- DIAS, M. M. A. (1986a)- *Inscrição votiva da Quintela de Azurara, Mangualde*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 20.
- DIAS, M. M. A. (1986b)- *Inscrições romanas inéditas de Cárquere, Resende, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. S.4, 4.
- DIAS, M. M. A. (1987a)- *Fragmentos de inscrições paleocristãs, inéditas, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. «O Arqueólogo Português». Lisboa. S.4, 5.
- DIAS, M. M. A. (1987b)- *A inscrição funerária paleocristã de Silbanus*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 21.
- DIAS, M. M. A. (1987c)- *A inscrição de Sabastianus*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 21.
- DIAS, M. M. A. (1987d)- *Inscrição de [Vin]centia*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 21.
- DIAS, M. M. A. (1992)- *Fragmentos de epitáfio paleocristão do séc. VI*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 42.

- DIAS, M. M. A. (1993a)- *A estela funerária de G. Cominius Rufus, de Alcaínça, Mafra*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra, 43.
- DIAS, M. M. A. (1993b) - *Valeria e Avitus numa placa funerária*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra, 43.
- DIAS, M. M. A.; COELHO, L. (1993)- *Fragmentos da placa funerária da liberta Calpurnia (arredores de Évora ?)*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 43.
- DIAS, M. M. A.; TORRES, C. (1984) - *Inscrição funerária de Vincentius*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 9.
- DIEHL, E. (1961) - *Inscriptiones latinae christianae veteres*<sup>2</sup>. Berlin.
- ENCARNAÇÃO, J. (1982)- *Textos fragmentados em honra de Endovélico*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra, 3.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984)- *Placa funerária de Vibia Maxima*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra. 10.
- ENCARNAÇÃO, J. (1988)- *Fragmento de placa funerária*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra, 28.
- ENCARNAÇÃO, J. (1989)- *Árula consagrada a Salus*. «Ficheiro Epigráfico». Coimbra, 33.
- GARCIA, J. M. (1987)- *Da epigrafia votiva de Conímbriga. Observações e novos monumentos*. «Conímbriga». Coimbra. XXVI.
- GONDI, F. Grossi (1920) - *Tratatto di epigrafia cristiana latina e greca del Mondo romano occidentale*. Roma.
- HÜBNER, E. (1876)- *Inscriptiones Britanniae christianae*, Berlin.
- HÜBNER, E. (1900)- *Inscriptionum Hispaniae christianarum supplementum*. Berlin.
- NAVASCUÉS, J. M. (1953)- *El concepto de la epigrafia*. Madrid.
- VIVES, J. (1969)- *Inscripciones romanas de la España romana y visigoda*. Barcelona.